

A LEITURA DA MÚSICA E A PESSOA IDOSA: AVENTURA SONORA PARA A VIDA

PEDRO LODOVICI NETO (PUC-SP).

Resumo

"O mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas...mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensinou." É assim que a grande alma musical de Guimarães Rosa se manifesta em Grande Sertão e Veredas, dizendo como ninguém do essencial da vida humana: a capacidade de uma pessoa de, a qualquer tempo, poder encontrar seu lugar na sociedade. Vida humana que, se se aventurar pela leitura da música – assim evidenciam os resultados desta pesquisa antropológico-gerontológica da música – seguramente se manterá resiliente diante das desventuras da vida, não se deixando afetar subjetivamente nem pelas marcas que lhe são impressas no decorrer do tempo. Para uma leitura ideologicamente adequada das relações do homem com a música, primeiramente foi preciso saber das modalidades de leitura tradicionalmente feitas da música. A partir daí, as perguntas a que buscamos resposta em pesquisa empírica: o que de diferencial ou de misterioso tem a música em termos de efeitos de sentido benéficos aos interlocutores, e que podemos recuperar da leitura da música pelos idosos e/ou junto aos idosos? Que nos dizem as falas desses musicistas-idosos da capital paulistana, entrevistados e filmados em documentário, que fazem dela um uso profissional no mercado, e/ou amador e/ou de lazer?

Palavras-chave:

Leitura da música, Pessoa idosa, Música na velhice.

Introdução:

*"...o mais importante e bonito, do mundo, é isto:
que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas...*

mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam.

Verdade maior.

É o que a vida me ensinou."

(Guimarães Rosa. *Grande Sertão, Veredas*)[1]

Afinar ou *desafinar* é algo essencial da natureza da música, assim como da essência humana. Bem o sabia a grande alma musical de Guimarães Rosa (1908-67) que, na epígrafe acima, diz como ninguém do mistério da vida humana de par com o da música. Música e vida aproximadas. Aliás, inseparáveis também o são música e vida para o grande músico contemporâneo John Cage (1912-92), assim como uma coisa só o são, para ele, arte e vida.[2]

Mas o que interessa no processo artístico ou musical é sua contínua mutação. É isso que interessa vivamente a este trabalho destacar: o que muda nas pessoas - em

termos de palavras, de música, de subjetividade, de posição na vida em consequência. Assim, a epígrafe acima diz muito da problemática, das questões de pesquisa e da hipótese inicial deste nosso trabalho.

Antes, porém, de entrar nesses três pontos de ordem científica, poderíamos dizer alguma coisa sobre o que tem a ver a questão da *leitura da música* (neste artigo, *vinculada à pessoa idosa*) com a questão da *leitura na escola*.

Como sabemos, a música é área do conhecimento que as escolas estão tentando novamente introduzir, de forma atualizada e aprimorada, em seus currículos, por concebê-la como constituinte do caráter humano, como componente fundante da vida. Não importa que tipo de leitura ou tratamento se dê à música na escola (a participação em coral ou banda musical; ou a aprendizagem/execução de instrumento; ou o estudo ou a escuta de grandes obras clássicas ou obras populares; ou exercícios de solfejo, dentre outras atividades possíveis); importa, sim, que a música volte a fazer presença marcante no cotidiano escolar. E isso por quê? Porque na escola é que se pode, desde cedo, ligar-se a uma arte, sugerida aqui a música, como um fator a mais, fundamental, de resiliência na vida de qualquer pessoa.

O título diz também da *pessoa idosa*, o que faz lembrar a questão do envelhecimento, da longevidade, mas não apenas por ser este o universo de minha pesquisa, mas por ser esta uma questão candente da contemporaneidade. O mundo está envelhecendo, no sentido de estar havendo uma restrição nos nascimentos de crianças e, além disso, as pessoas estão vivendo mais anos de vida. Então, ao envelhecimento alia-se à longevidade das pessoas: uma problemática que este artigo pretende aqui também articular como uma questão "transversal" muito importante para ser problematizada na escola.

A leitura da música

Quando falo em *leitura da música*, penso em qualquer atividade humana por meio da qual se pode fazer música. A música torna-se, assim, um campo fecundo de experimentação. Por exemplo, na escola, o aluno ser despertado para ler os sons, os silêncios, os ruídos que estão à sua volta... Tudo pode ser lido como música, como som ritmado: o movimento mudo do sol, acompanhado pelo movimento em par dos girassóis; plantar uma arvorezinha no jardim; a banda musical que movimenta toda a escola; um jogo de basquete que alegra uns e entristece outros; o pulsar cadenciado dos corações; o grito de uma menina no corredor; o canto coletivo no coral, a fala da professora, o som da campainha anunciando o fim das aulas. E mais: uma confissão no ouvido da amiguinha, uma viagem da sala para um acampamento; um filme de aventura passado em aula; o lazer no pátio; o fazer a lição. E ainda: o silêncio na biblioteca; o estar atento àquele que, na aula de música, toca em seu instrumento; o escutar a pianista iniciar a introdução da música; o misturar-se aos colegas na saída para casa; a multidão de mães na porta da escola... Isso tudo também pode ser música, pois

A música é, antes de mais nada, movimento. É sentimento ou consciência do espaço-tempo. Ritmo, sons, silêncios e ruídos. Estruturas que engendram formas vivas.. Música é igualmente tensão e relaxamento, expectativa preenchida ou não; organização e liberdade de abolir uma ordem escolhida; controle e acaso. Música: alturas, intensidades, timbres e durações - peculiar maneira de sentir e de pensar...novas maneiras de sentir e de pensar...(MORAES, 2008, p. 7-8).

Conforme diz esse estudioso, pode-se ler como música não apenas aquilo que canonicamente se chama de música, mas sobretudo onde existe a atuação do ser

humano, a invenção, invenção de linguagens: formas de ver, representar, transfigurar e de transformar o mundo. Cage é quem diz que o silêncio pleno de sons-ambientes é uma música dos sons ambientais.

Também podemos ver música nos poemas de Manoel de Barros, nas pinturas de Van Gogh, no teatro de Brecht, no cinema de Woody Allen... Ainda que autônomas, essas linguagens, ou múltiplos sistemas significantes, dialogam entre si, fornecendo pistas a respeito da maneira de ser umas das outras. E já que tudo pode ser música, todos nós podemos ser músicos, não apenas compondo canções fundadas em padrões já devidamente consagrados na área musical, como também criando novos processos composicionais. E não deixa de ser músico aquele que interpreta uma obra alheia - seja por meio da simples leitura de sua representação gráfica em partitura, seja com o auxílio de um instrumento. E ainda é músico também aquele que escuta ativamente uma obra... Pensando então, a partir desse ponto de vista sobre o que é ler música, verifica-se como que uma circularidade - compositor/intérprete/ouvinte-compositor, o que evidencia, nessa dinâmica, um processo. Um processo musical, onde o que interessa é sempre o homem, compositor, intérprete, inventor ou apenas ouvinte da música.

Hoje, em um universo concebido não mais como algo fechado ou imóvel mas relativizado e em mudança conforme nos informa a física moderna, não existe razão para não se aceitar a própria música como um processo (MORAES, 2008, p. 8), tal qual o propunham Cage e seus seguidores, em que comunicar não é o desejado.

A pessoa idosa - o envelhecimento - a velhice - a longevidade

A leitura que o discurso de senso comum proporciona sobre a velhice não é a ideal ou pelo menos a desejada, ainda que não seja novidade a ninguém a questão candente do envelhecimento mundial e a da longevidade, ou seja, de que o mundo está envelhecendo que, nas últimas décadas, diminuem sensivelmente os nascimentos e ainda com as pessoas vivendo mais anos de vida. Inclusive a sociabilidade ou a forma de convivência entre gerações não tem melhorado como seria esperado diante dessa nova realidade mundial.

Realidade que se evidencia pelo aumento da proporção de pessoas idosas na população do mundo, fenômeno tão marcante a ponto de ser chamado de "revolução demográfica". No Brasil, o IBGE aponta os seguintes números: dos atuais 7,8% atuais da população idosa se irá para 13% em 2020 (com cerca de 27 milhões de pessoas com mais de 60 anos). Sabemos que muito em breve, o Brasil será a sexta nação com maior número de idosos em todo o mundo, evidenciando que o envelhecimento é, hoje, a um só tempo, um fator estrutural e estruturante da sociedade não apenas brasileira, mas mundial. A expectativa de vida ou "o viver mais anos", também mudou, ou seja, aumentou em cerca de 20 anos. Algumas mudanças em concepções ultrapassadas sobre o envelhecimento já ocorreram. As pessoas idosas não são mais caracterizadas de forma tão negativa como o eram há algumas décadas. Entretanto, esse preconceito é ainda evidenciado quando, por exemplo, nega-se totalmente a uma pessoa idosa a chance de buscar um emprego ou de se manifestar em pé de igualdade com outros cidadãos.

O preconceito da sociedade contra a pessoa idosa aparentemente inexistente neste século XXI, pode estar travestido de ironia, quando se diz até mesmo inadvertidamente: *"Você nem parece que tem essa idade!"*, configurando-se aí um preconceito geracional. Ou de desdém nos aforismos tão conhecidos: *"Quem gosta de velho é reumatismo!"*, *"Quer ser atropelada, Dona Maria?"* e mesmo de um falso e "protetor" carinho: *"Deixa que eu faço, vovô, o senhor não tem mais idade pra*

essas coisas! Ou "Esse é o velhinho do 32" ou "Essa velhinha é de quem lhe falei". O que há de comum em todas estas manifestações, segundo Leme (2004, p. 39), é "em grande parte a atitude simplista de imaginar que todos os idosos são iguais, sem qualquer diferença relativa à história de vida, saúde, cultura etc."

Esse autor fala que o preconceito contra os idosos parece estar disseminado em todas as estruturas sociais e em todas as idades, inclusive entre os próprios idosos ("*De velho chega eu!*"), de maneira ora explícita, ora não. São citados alguns tipos pelo autor, entre muitos, característicos: - o preconceito tipo "*Depois você me conta, vovó!*", ou seja, escapar a ter escuta ao idoso; - o preconceito tipo "Saúde é tudo" que se manifesta em dizeres como: "*Vovô, você não pode comer ovo frito! Isso é veneno na sua idade!*"; - o preconceito tipo "Sexual 1 ou Assexuado", em dizeres como: "*Ah, o vovô pode dormir no quarto do Pedrinho e a vovó na sala*", não se preservando a intimidade do casal idoso que mora em casa de filhos; - o preconceito tipo boneco, quando o idoso é vestido pelos filhos com roupas não escolhidas pelo idoso em que aparecem, por exemplo, dizeres inscritos em camiseta temática como: "Mulheres, cheguei!", ou "Salvem as baleias".

A mídia por sua vez, ainda não os representa devidamente, principalmente na televisão, quando referências equivocadas do envelhecimento ainda podem ser ouvidas ou mesmo enfatizadas nos programas e comerciais de tevê, e isso muitas vezes sem que os próprios apresentadores ou participantes dos programas se dêem conta disso. Por exemplo, ainda se continua a infantilizar ou fragilizar a velhice quando se diz: "Um vovozinho chegou...". Por que "vovozinho" se aquele homem tem um nome pelo qual faz questão de ser chamado: O Sr. Pedro... O Sr. Paulo? Ele pode ser vovozinho, mas para seus próprios netos... Ou então, "Esse tiozinho...", como se aquele homem tivesse perdido seu nome. Ou então referir-se à pessoa idosa como se fosse esta fosse criança: "Que bonitinha, esta velhinha!", "Chegou um velhinho...". Qual o por quê desse diminutivo? Aquela pessoa não deixa de ser um ser adulto, porque está envelhecendo.

Essas situações mostram que é preciso que muito seja feito para mudar a concepção equivocada que se tem de velhice, de ser velho, da sua importância e valor no mundo, ainda que tais referências verbais se façam inadvertidamente, dada sua cristalização no imaginário popular. Ainda mais considerando-se que isso tudo faz deixar de lado um segmento da sociedade cada vez mais numeroso, que tem grande poder decisório e que dispõe de poder econômico interessante como o mercado atual começa a se dar conta, tentando capturar os consumidores potenciais da chamada terceira idade para viagens, compras, lazer... Muito embora "*A partir dos anos 80 (...), o velho tende a ser representado de maneira mais positiva, passando a simbolizar o poder, a riqueza, a perspicácia, o prestígio social.*[4], uma parte da sociedade ainda acredita no estado de pobreza de todas as pessoas mais velhas, o que nem sempre corresponde ao real; acredita também no apego dos idosos às suas próprias coisas, não pensando que os idosos também têm desejos de substituir o velho pelo novo, desde que lhe seja conveniente ou possível.

Considere-se que o idoso brasileiro, especialmente a partir da década de 80, tornou-se um ator político cada vez mais visível na sociedade, ocupando espaço na mídia e ganhando a atenção da indústria do consumo, do lazer e do turismo, o que não corresponde à ideia presente no imaginário da população em geral de que, na velhice, os indivíduos estariam excluídos da vida pública. Verifica-se que, no Brasil de hoje, 13% dos eleitores têm mais de 60 anos, embora nem todo esse percentual participe do processo político, dado que o voto é obrigatório apenas até os 70 anos.

E a escola que leitura faz da pessoa velha? Que imagem é mostrada do envelhecimento no livro escolar? À escola cabe, a nosso ver, propor uma nova maneira de analisar o fato do envelhecimento, assim como da longevidade, visando a promover uma educação crítica e renovadora, incorporando os novos conhecimentos sobre esse campo.

É preciso que se afaste o excessivo enfoque nas perdas e declínio físico e mental na velhice - raiz de conceitos e preconceitos que sempre contribuíram para a cristalização de imagens do bom ou mau envelhecer. Isso pode acentuar a vulnerabilidade que se vê prejudicar as possibilidades de independência e autonomia da pessoa idosa. Esse enfoque médico-biológico (focado na doença/saúde) mudou; agora, se concebe o idoso em perspectiva multidisciplinar: um ser que, independentemente de seu estado físico, pode ter seu lugar de dignidade na sociedade. É preciso que a escola se dê conta disso e comece a trabalhar em favor de uma longevidade, de um envelhecimento e de uma velhice em um sentido novo, focando a autonomia ou a dignidade de vida prevista e colocada como lugar da pessoa idosa na contemporaneidade...

A leitura da música como fator resiliente e aventura sonora para a vida

Como problemática colocada em pesquisa e que aqui retomamos, podemos dizer que, enquanto vemos uma grande parte de idosos sucumbirem diante de patologias, de perdas de entes queridos não aceitas, de problemas com família, na sua solidão..., verificamos que muitas outras pessoas idosas mantêm-se fortificadas, ativas; tornaram-se exemplares, neste sentido, alguns dos entrevistados incluídos na presente pesquisa que têm em comum uma leitura muito particular da música. Seria a leitura musical o que responderia por essa diferença no envelhecer? O que de diferencial, ou que algo da ordem do mistério tem a leitura da música para algumas pessoas, conforme vimos verificando, e que as fazem viver com uma boa qualidade de vida? - Que lição poderíamos, todos nós, tirar dos dizeres sobre essas experiências musicais para a escola, para nossa própria vida?

Nossa hipótese de pesquisa no doutorado foi a de que seria possível apreender um *diferencial* oferecido pela leitura da música, um diferencial que tentamos capturar a partir das falas dessas pessoas que "vivem com a música". Os idosos aqui focados parecem fazer das aventuras sonoras seu ofício, seu meio de vida, seu prazer...

Colocamos, então, como objetivos dessa pesquisa: (i) Estudar a natureza da prática musical - ou o que a torna possível; e verificar seus efeitos de sentido no cotidiano de algumas pessoas idosas que fazem dela uma utilização profissional no mercado, e/ou amador e/ou de lazer. (ii) Verificar o papel da prática musical no sujeito-músico, no relacionamento com sua família e amigos, assim como ofício ou meio de vida, verificando se alguma diferença outra surgiria no caso de profissional do sexo feminino.

Nossa hipótese no presente trabalho, é a de que uma pessoa que faça uso cotidiano da música - não importa que uso de música - tem outro olhar na escola, para qualquer dos conhecimentos a serem dados em sala de aula. Nossas pesquisas de mestrado em Gerontologia (LODOVICI NETO, 2006) e do doutorado em Antropologia (LODOVICI NETO, 2009), foram realizadas com pessoas idosas, mas consideramos esta experiência válida para qualquer professor ou aluno, porque a experiência, o olhar musical, traz, a nosso ver, efeitos positivos para a subjetividade humana em geral, o que pode dar qualidade aos estudos em geral.

Das respostas dadas pelos sujeitos a questionário semi-estruturado aplicado a cada um deles, pudemos interpretar aquilo que dizem (ou não dizem, mas fazem dizer em seu silêncio), seguindo, na pesquisa, uma metodologia antropológica inspirada fundamentalmente no trabalho de Claude Lévy-Strauss que sempre tomou o "partido musical" para suas análises dos mitos ameríndios, presente exemplarmente em seu livro *Cru e Cozido* (1964), o primeiro volume das *Mitológicas*, que se tornou, para nós, fonte e inspiração nesse sentido: o livro fora todo pautado estruturalmente no modelo da música. Nossos entrevistados sempre tomaram um "partido musical": fizeram da música um fator de resiliência em suas vidas diante dos insucessos, das lutas, dos sofrimentos que lhes iam ocorrendo. E esse fator de resiliência se deve, segundo eles, porque sempre fizeram uma leitura da música que lhes foi muito feliz: uns a escutam cotidianamente; outros, compõem-nas; outros as interpretam em instrumento de seu gosto; outros apenas as rememoram mentalmente do passado e as reproduzem ou não, cantando mesmo em casa; outros dão aulas de música; outros regem uma orquestra ou banda; enfim, os depoentes deste trabalho fazem de uma dada leitura da música "uma aventura" em sua vida (no dizer de um deles).

Considerações finais

Justamente do dito e do não-dito da fala dos analisados na presente pesquisa, é que pudemos depreender uma diferença nessas pessoas que vivem a leitura da música: - a capacidade que elas sempre tiveram - e têm - de resistir a tropeços de várias ordens que, via de regra, ocorrem durante a vida de qualquer pessoa... E à indagação que se colocou para nós, diante disso sobre que resistência, que força é essa, de onde surge e o que ocasiona na vida desses sujeitos analisados? Veio-nos a resposta: trata-se da resiliência... essa força que nos acompanha desde a infância, que deve ser mantida na juventude, na idade adulta, e que devemos fazer chegar à velhice... É essa resistência manifesta por grande parte de nós para enfrentar tudo aquilo que vai ocorrendo em nossa vida. De fato, todos os entrevistados deste trabalho se revelam como pessoas que muito lutaram pela vida, cada uma na sua especialidade, mas que não abandonaram seu *métier* musical, apenas o transformaram: de caráter profissional (como o músico de orquestra ou com um trabalho-de-autor) para um caráter mais amadorístico (tocando informalmente junto aos amigos), e assim por diante... Ouvindo apenas, cantando... Se pensarmos em como caracterizar essa resiliência no caso dos músicos aqui focados, veremos que se trata de uma *condição subjetiva* muito relevante. Cada pessoa tem a sua, na sua própria medida, mas que tem que ser necessariamente atrelada a uma *causa* que ela julgue valiosa, com a qual estabelece um vínculo afetivo - a música, no presente caso...

Ao partir, então, da reflexão sobre o estado positivo de suas vidas, cujos dizeres foram muito marcantes para nós, pudemos interpretar o lhes é fundante: a música. A música é, então, o vínculo essencial a que estão ligados os entrevistados neste trabalho. Os músicos usam os sons que geram, suas melodias, para se tornarem mais sensíveis a seus próprios ritmos e ciclos. Para se sentirem mais integrados e lúcidos. As vivências musicais são a oportunidade de eles se esquecerem por momentos de tudo aquilo que os afeta, e levarem a vida com mais sentido e otimismo. Na relação com outros profissionais e com amigos, eles se esquecem de todos os seus problemas, de suas doenças, de sua velhice, soltam-se em sua liberdade criativa. Seu exercício de liberdade encontra nesse momento seu ápice. A própria doença, deixada de ser o centro de atenção, torna-se um fato mais fácil de ser suportado, de ser resilientemente enfrentado. A música, enfim, é - no dizer de

nossos entrevistados - como uma força motriz que os situa em algum lugar melhor na vida.

Em suma, das análises feitas, o que nos mostra a leitura da música? Entendemos que esta deve ser entendida em seu sentido amplo, como a sensibilidade aos sons do ambiente, aos da natureza, a escuta aos sons gerados pelo próprio corpo humano (como o budista em transe ao som de gongos e sinos; o índio participante da atividade musical coletiva de sua tribo, nosso jovem estudante diante da música da escola), o ouvir com o próprio corpo, ouvir uma sintonia de vibrações... A leitura da música também pode ser entendida em outro registro, aquele da escuta emotiva, diante de uma música ouvida individualmente ou como música-ambiente, que nos faz sonhar, recordar fatos passados, trazendo-nos alegria ou tristeza, enfim, fazendo-nos ouvir nosso mundo interior. A leitura da música também pode se dar intelectualmente, ou seja, quando se prende à materialidade do que o discurso musical comporta em termos de seus constituintes, de sua forma-conteúdo, enfim, a música composta ou interpretada em suas possibilidades estéticas ou artísticas.

Pensando no que disse Lévi-Strauss (1999), "*Acho que há muitos modos de ser antropólogo, e de tornar-se antropólogo... e há muitas moradas na casa do Senhor... A vocação é um dos modos, há provavelmente outros*",[5] vemos que há também muitos modos de fazer uma leitura da música e todas essas leituras têm seus efeitos benéficos ao ser humano. Aprendemos com os entrevistados na pesquisa que não importa em que registro se situe o homem: qualquer uma dessas leituras da música possibilita que ele orquestre mente, corpo e subjetividade humana, o registro consciente e inconsciente, enfim, mostrando o valor simbólico da música que o torna maestro de sua própria vida e da vida de muitas outras pessoas que também sentem os efeitos de suas orquestrações.

Uma *diferença* entre a música executada pelos idosos entrevistados neste trabalho e a de músicos outros que não encontram seu lugar na sociedade, talvez seja que, no primeiro grupo, conforme verificamos, continue prevalecendo o valor da convivência no grupo, da realização do sujeito dentre aqueles que o acolhem e o valorizam. Isso se vê especialmente por parte das mulheres que - embora sintam que seu lugar no mundo ainda não seja aquele ocupado pelos homens - demonstram claramente seu sentimento de, pelo menos, sentirem-se incluídas, e com reconhecimento ao nível dos homens, como membros da comunidade musical.

Uma das preocupações deste trabalho que foi a de mostrar que é preciso valorizar o que faz *diferença* na atuação de alguns músicos-velhos aqui presentes sem eu depoimento. A esse respeito, evocamos os dizeres do poeta Augusto de Campos (1974: 11), quando ele cita o propósito musical de John Cage de sempre *trazer à luz o que achava importante no mundo*:

"Para Cage, a música não é só uma técnica de compor sons (e silêncios), mas um meio de refletir e de abrir a cabeça do ouvinte para o mundo (até para tentar melhorá-lo, correndo o risco de tornar as coisas piores)... um exercício de liberdade que ele gostaria de ver estendido à própria vida pois "tudo o que fazemos" (todos os sons, ruídos e não-sons incluídos) "é música".[6] (grifo meu)

Alguns pontos que nos tocaram muito e que nos ficam marcados da fala de nossos entrevistados, como no seguinte dizer de um deles: "*Quer ser feliz? Continue com a música até morrer!*" E também como eles se sentem sempre *aprendizes de feiticeiro* na arte da música; sempre acham que sabem pouco, que estão sempre mudando...Afinam ou desafinam, conforme o vaticina Guimarães Rosa... Assim pensamos nós, professores, que devemos nos sentir sempre *aprendizes de*

feiticeiro na arte das muitas leituras...; assim como *aprendizes de feiticeiro* seremos sempre da música da vida.

Referências bibliográficas:

CAGE, John. *Apud: TERRA, Vera. Acaso e aleatório na música: um estudo da indeterminação nas poéticas de Cage e Boulez.* São Paulo: Educ/Fapesp, 2000.

LEME, Luiz Eugênio Garcez. "Idosos: Quem gosta de velho é reumatismo". In: PINSKY, Jaime (org.) *12 faces do preconceito.* 7ª ed., São Paulo: Contexto, 2003: 39-48.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Cru e Cozido.* Trad.: José Antonio Braga Fernandes Dias. Lisboa: Edições 70, 1987 [edição original de 1985, intitulada *La Potière Jalouse*].

LODOVICI NETO, Pedro. *A Musicoterapia como tratamento coadjuvante à Doença de Parkinson.* [Dissertação de mestrado]. São Paulo: PEPGG/PUC-SP, 2006.

LODOVICI NETO, Pedro. *Velhos musicistas em ação: os efeitos da música em suas vidas.* [Tese de doutorado]. São Paulo: PEPGCS: Antropologia do Envelhecimento/PUC-SP, 2009.

MORAES, J.Jota de. *O que é música.* São Paulo: Brasiliense, 2008.

[1] GUIMARÃES ROSA, João. *Grande Sertão: Veredas.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006/1956.

[2] "Eu não diria que nós nos esforçamos em destruir a barreira entre a arte e a vida ou mesmo em apagá-la. O que nos interessa é constatar que não há barreira entre as duas." (CAGE, J., *apud: TERRA, V. Acaso e aleatório na música.* São Paulo: Educ/Fapesp, 2000:)

[3] "Mídia expõe imagem negativa de idosos". Conforme disponibilizado em:

<http://www.comciencia.br/reportagens/envelhecimento/env09.htm>. Acesso em 20/11/2008,

[4] DEBERT, Guita Grin. "O idoso na mídia". Conforme disponibilizado em:

<http://www.comciencia.br/reportagens/envelhecimento/texto/env12.htm>. Acesso em 20/11/2008.

[5] Perrone Moisés, Beatriz. "Entrevista: Claude Lévi-Strauss, aos 90". In: *Revista de Antropologia*, vol.42 (1-2), São Paulo, 1999. Disponibilizado em:

http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-77011999000100002&script=sci_arttext. Acesso em 03/03/09.

[6] Cf. CAMPOS, Augusto de. "Cage: Chance: Change". *In: Através 1. Coleção Cultural*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, s/d: 7 (texto crítico de Augusto de Campos, escrito em 1974 e posteriormente publicado também em *O Anticrítico*, em 1986, em que esse autor fala da importância do trabalho de John Cage). Outra publicação do mesmo texto: CAMPOS, Augusto de. "Prefácio: Cage: Chance: Change". *In: CAGE, John. De segunda a um ano. Novas Conferências e Escritos de John Cage*. São Paulo: Editora Hucitec, 1985.